

Mário Palmério e as lutas de representações da campanha eleitoral de 1950 no Triângulo Mineiro

André Azevedo da Fonseca

Unesp/Franca (pós-graduando)

Introdução

Nos primeiros dias de janeiro de 1950 o cenário político no Triângulo Mineiro foi animado pelo *I Convênio dos Prefeitos do Pontal do Triângulo*, realizado entre os dias 6 e 8 de janeiro em Ituiutaba, quando os chefes de executivo e representantes locais se reuniram para discutir soluções para o desenvolvimento regional. No entanto, a questão que terminou por acalorar o encontro partiu de queixas genéricas em relação ao propalado desprezo do governo estadual pela região, em um descontentamento que explodiu em uma excitada exaltação à emancipação dos triangulinos.

O discurso de abertura do prefeito de Ituiutaba, Mario Natal Guimarães, já prenunciava o ressentimento da elite governante local em relação à capital: “De longos anos sentimos arcar sobre este rincão da terra mineira o peso do esquecimento pelo governo. (...) Era preciso, portanto, que lançássemos o nosso brado: Libertas que sera tamem – Liberdade ainda que tardia¹. O segundo orador, o presidente da Câmara de Ituiutaba, Alcides Junqueira, criticou o fato de o governo mineiro não ter se dignado a enviar um representante ao encontro, embora tivesse sido formalmente convidado. “É pelo descaso e desprezo que vota a essa região”, teria dito, em um aparte, Osmar Diniz, o diretor da *Gazeta de Ituiutaba*. Boulanger Pucci, o chefe do executivo uberabense, seria outra voz a lamentar o descaso mineiro: “Possuindo condições geográficas, sociais e políticas que o poderiam transformar numas das regiões do país mais ricas e mais civilizadas, não o consegue, no entanto, pelo descaso clamoroso e revoltante que os Governos lhe emprestam.” Para Pucci, o Triângulo era uma “terra abandonada... criminosamente abandonada!...”² No encerramento, o vereador de Ituiutaba, Heráclito de Sá, proferiu o que o jornal chamou de um “grito separatista”. Ele defendeu que a população do Triângulo, “tão desprezada sempre”, deveria “bradar e lutar pela sua independência caso não se vissem atendidas (...) as suas reivindicações e justos anseios”.

No dia 11 de fevereiro de 1950 o jornal *O Triângulo* deu na capa: “Já não é sem tempo que devemos proceder à unificação dos municípios do Triângulo, lançando bem alto o grito separatista!³”. Desta vez o diário referia-se à repercussão do discurso do vereador Antonio Alberto de Oliveira na Câmara de Uberaba. Oliveira fizera raivosas críticas à capital: “O que o Governo do Estado nos vem dando, é só desprezo,

¹ “Liberdade! Anda que tardia”. *O Triângulo*. n. 3015. Ano XXI. Uberaba, 28 jan 1950. p. 3.

² *O Triângulo*. Op. Cit. p. 4. [coluna 4].

³ “Já não é sem tempo que devemos proceder à unificação dos municípios do Triângulo, lançando bem alto o grito separatista!”. *O Triângulo*. n. 3027. Ano XXI. Uberaba. 11 fev 1950. p.1.

apenasmente e unicamente desprezo, o mais completo desprezo”. Listando uma relação de exemplos do descaso de Minas em relação à cidade, disse que não era possível apontar “um único benefício” prestado a Uberaba pelos dirigentes estaduais.

Em suma, a secular reclamação contra o descaso de Minas e as conseqüentes explosões da retórica separatista foram as questões da política regional que dominavam a imprensa regional no começo de 1950. Dispostos os temas do debate público do período pré-eleitoral, estavam estabelecidas as condições para o surgimento de um novo protagonista na política triangulino...

No dia 13 de março de 1950, *O Triângulo* publicou um extenso manifesto chamado “Carta aos triangulinos⁴”, assinado pelo professor Mário de Ascensão Palmério, um jovem professor triangulino, criador da primeira faculdade da região. Observando que aproximava-se a época da campanha eleitoral, Palmério defende a necessidade de um “sistemático e persistente” trabalho de “esclarecimento” dos triangulinos a fim de identificar e solucionar os problemas regionais:

É absolutamente necessário tal empreendimento (...) porque é facilmente previsível a demagogia que presidirá àquela campanha, dado, não somente o descontentamento geral do povo em face da ausência de um ideário objetivo norteando as atitudes da maioria dos dirigentes políticos do país, como também o revivescimento de sentidas reivindicações regionais. Dentre estas, o separatismo do Triângulo Mineiro, por exemplo, será a bandeira que desfraldarão alguns partidos ou, melhor, alguns líderes políticos regionais, que, sem terem realizado até agora, nenhum trabalho positivo nesse sentido ou, pelo menos, sabido reconhecer as características próprias e as reais necessidades dos grandes e progressistas municípios que compõem esta região, irão, agora, explorar em benefício próprio um notável movimento que tanta repercussão sempre tem encontrado em nosso meio.

Ponderando que não era contrário às idéias separatistas, Palmério defendeu contudo que a emancipação deveria ser integrada a um “plano nacional, sério e profundo, de redistribuição e recomposição das unidades federativas brasileiras”. Em suas palavras: “Devemos, portanto, estudar o nosso movimento separatista sob esse prisma elevado, de interesse nacional. Nunca, como um problema local, isolado, particular, apenas 'nosso'.”

Assim, nos três primeiros parágrafos Palmério demarcara as duas faces do mito político que procuraria trajar nesse período pré-campanha eleitoral. Insistindo nos vocábulos “esclarecer”, “nortear”, “estudar”, “racional”; assim como “trabalho” e “empreendimento”; ele procurava distinguir e enfatizar a posição social em que proferia seu discurso: tratava-se do instruído “professor” e “realizador” Mário Palmério, o pioneiro na instalação de um curso superior em Uberaba, apresentando-se como um cidadão esclarecido que, dado os atributos próprios de sua função na sociedade, estava plenamente capacitado para “examinar”, “raciocinar” e “propor” medidas “a serem consideradas pelos nossos políticos”. Era o intelectual orgânico que, de forma “despretensiosa”, oferecia sua competência analítica para contribuir na politização dos triangulinos.

⁴ PALMÉRIO, M.de Ascensão. Carta aos triangulinos. *O Triângulo*. n. 3050. Ano XXI. Uberaba. 13 mar. 1950. p.4.

A idéia nova cintilando nas mãos era sua análise professoral que indicava a solução da controvérsia emancipacionista através de um caminho sinalizado por um “prisma mais elevado”, capaz de suplantar o orgulho provinciano à altura de um suposto “interesse nacional” na organização “racional” e “desapaixonada” da divisão político-administrativa do país. A redivisão territorial deveria inserir-se em uma discussão ampla, pois na verdade diria respeito a toda a sociedade brasileira. “Debater este problema, porém, como mera represália ou espalhafatosa ameaça contra o indiferentismo – real ou inexistente – dos governos estaduais com relação às nossas necessidades (...) é praticar demagogia extremamente nociva aos nossos interesses”. Aqui, Palmério parecia virar o jogo ao fazer uma repreensão àquele “precipitado” furor separatista manifestado nos discursos de políticos regionais, como vimos nos parágrafos anteriores. Dessa forma ele procurava emergir-se como um novo mito: o iluminado que, em meio aos desequilíbrios de sua sociedade, enxerga o caminho e chama o povo à razão. Eis alguém que, pensando alto, superava a suscetibilidade ferida dos políticos provincianos e elevava o tom da discussão através da racionalidade da ciência. E no decorrer da carta, os termos do debate de Palmério revelariam sua opção partidário-ideológica: qual seja, o trabalhismo petebista.

Com a aproximação da campanha eleitoral, o semanário uberabense *Correio Católico*, um jornal com uma linha editorial comprometida com a educação cristã da sociedade triangulina, lançava uma advertência aos leitores: “Os fariseus caçam votos⁵”. O editorial criticava a demagogia de políticos que travestiam-se de católicos para “conquistarem simpatias e, conseqüentemente, votos”. Assim, o jornal alertava os católicos para que não se deixassem enganar “pela malícia dos políticos, caçadores de votos”. Em outro artigo, o *Correio Católico* prosseguia em sua missão de ensinar o cristão uberabense a “votar bem⁶”. Delineando orientações que julgava em conformidade com os princípios cristãos, o texto defendeu que a ação do Estado “em matéria de ensino” deveria ser “meramente supletiva, cabendo aos poderes públicos amparar por todos os modos, a iniciativa privada, e agir diretamente apenas nos casos em que a ação particular seja ineficiente”.

É interessante lembrar que a Igreja Católica sempre utilizou-se da Escola para educar os jovens nos princípios do cristianismo e fortalecer assim o seu rebanho. Assim, a perspectiva da criação de escolas públicas seculares feria seriamente os interesses monopolistas de educação moral da Igreja. Em Uberaba, na década de 1940, todas as escolas secundaristas particulares da cidade, com exceção de uma, eram católicas: sintomaticamente, a 'ovelha negra' da família era exatamente o Colégio do Triângulo Mineiro, de Mário Palmério, uma escola secular de turmas mistas.

No dia 2 de setembro, a um mês das eleições, foi publicada nos jornais uberabenses a primeira

⁵ Os fariseus caçam votos. *Correio Católico*. Uberaba. 15 abr. 1950. n. 1322. ano 53. p. 4. [colunas 1-2]

⁶ Julgar os candidatos por seu passado e os partidos por seus princípios. *Correio Católico*. Uberaba. 19 ago 1950. n. 1340. Ano 54. p. 1. [colunas 4-5]

propaganda política de Mário Palmério. Ocupando quatro colunas na largura e meia página na altura, trazendo Mário Palmério de perfil trajando sua popular jaqueta de veludo, o anúncio era, de longe, o maior entre todos os candidatos até então:

“O partido trabalhista brasileiro recomenda: votar para deputado federal em Prof. Mário Palmério, porque:

Prof. Mário Palmério realizou, sozinho, sem as facilidade de um cargo oficial, a mais notável obra educacional de todo o interior do país.

Prof. Mário Palmério planejou e executou a mais audaciosa obra de assistência dentária jamais tentada no país, criando a POLICLÍNICA DENTÁRIA de sua FACULDADE DE ODONTOLOGIA, prestando assistência gratuita às crianças e à população pobre.

Prof. Mário Palmério deu novo impulso à nossa vida e ao nosso comércio, trazendo, para o nosso meio, centenas de estudantes e acadêmicos que estão, hoje, contribuindo (...) para o nosso progresso e prosperidade.

Prof. Mário Palmério, na Câmara Federal, se for eleito pelo voto dos triangulinos, terá facilidades e oportunidades de que necessita para criar novas escolas superiores, fundar a UNIVERSIDADE DO TRIANGULO MINEIRO e trabalhar (...) pelo engrandecimento e prosperidade de nossa região e nosso povo!”⁷

No Correio Católico, Palmério começou a aparecer no dia 9 de setembro. O anúncio dizia: “O PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO recomenda votar, para DEPUTADO FEDERAL em MÁRIO PALMÉRIO porque **Mário Palmério** sozinho, sem um cargo oficial, muito já fez pelo nosso povo. “MÁRIO PALMÉRIO eleito Deputado Federal, MUITO, MUITO MAIS, ainda poderá fazer, em benefício da INSTRUÇÃO e da SAÚDE de nossos filhos”. Na foto, a legenda: “Prof. Mário Palmério, pioneiro da instrução⁸.” O anúncio do petebista publicado no *Correio Católico* era quase que uma afronta àqueles interesses da igreja no monopólio da educação moral através das escolas. Esse ideário contrariava a orientação divulgada há poucos dias, quando os bispos criticaram programas partidários que defendiam a intervenção dos poderes públicos da criação de escolas. Evidentemente, o semanário cristão não se calaria perante a ameaça. Logo falaremos disso.

Mas se os anúncios na imprensa só começara no dia 2 de setembro, o fato é que a propaganda de rua já fervia desde maio de 1950. “Escolas para o povo. Instrução gratuita para todos! Este é um dos principais pontos do programa do Partido Trabalhista Brasileiro a ser defendido intransigentemente pelo prof. Mário Palmério na Câmara Federal”, prometia o folheto de propaganda política distribuído em toda a região do Triângulo. Em um retrato estampado bem no centro do folheto, um gigante Mário Palmério, com o paletó mal-abotoado, posava sorridente ao lado de um minúsculo senador Getúlio Vargas, de botas e bombachas, no ensolarado pátio da estância Santos Reis, a legendária residência de Vargas em São Borja (RS).

Essa fotografia mágica de Palmério e Getúlio parece ter sido uma das peças fundamentais da vitoriosa campanha do jovem professor à Câmara Federal. Milhares de reproduções foram distribuídas, trazendo no verso as indicações de voto a Antonio Próspero para a prefeitura, a Ovídio de Vito para Assembléia e a

⁷ **O Triângulo**. Uberaba. 2 set. 1950. n. 3192. Ano XXII.

Mário Palmério para a Câmara. Ainda hoje, eleitores antigos ainda se recordam – cheios de orgulho provinciano – da imagem de Palmério ao lado de Getúlio: o astuto ex-ditador que nos bastidores participava da arrancada eleitoral de seu partido, o PTB.

Quando Vargas foi destituído da presidência em outubro de 1945, poucos acreditavam que ele permanecesse fora da política por muito tempo. Na verdade, como notou Skidmore, mal havia Dutra se instalado e os varguistas já começavam a articular a candidatura de Getúlio às eleições de 1950. Aparentemente afastado das disputas políticas, o fato é que “a sua estância, em São Borja, tornou-se a meca dos aspirantes aos cargos públicos”⁹. Portanto, diante dessa fantástica popularidade do getulismo, somada à disponibilidade de Vargas, o desembaraçado Mário Palmério não poderia deixar de aproveitar a chance de associar seu nome ao apoio do líder máximo de seu partido. Assim, em abril de 1950 – dois meses antes de Getúlio oficializar sua própria candidatura à presidência – Palmério viaja a São Borja, encontra-se com o senador na estância Santos Reis e, talvez bastante apressadamente – como podemos inferir através do terno mal-abotoado – obtém o seu troféu: a instantaneamente célebre fotografia com Getúlio Vargas! “Mário Palmério precisa de seu voto, para poder abrir MAIS ESCOLAS e fundar a UNIVERSIDADE DO TRIANGULO MINEIRO”, conclamava triunfante, o prof. Mário Palmério, o “pioneiro da instrução”, segundo o registro de dois outros modelos de propaganda política distribuídos em sua campanha.

A disputa pelo prestígio de Vargas desembocaria em uma das maiores calúnias da história da cidade. O episódio deu-se assim. No começo de setembro de 1950, Getúlio Vargas anunciara um comício em Uberaba, que deveria ocorrer no próximo dia 10. O PTB local estava excitadíssimo com a perspectiva da visita do grande líder trabalhista à cidade. No entanto, estava previsto que Adhemar de Barros, o líder do PSP, chegaria em Uberaba um pouco antes e recepcionaria o aliado Vargas no aeroporto, na manhã de 10 de setembro, acompanhado de sua comitiva, que evidentemente incluiria o correligionário na política local: o prefeito uberabense Boulanger Pucci. Adhemar de Barros garantia em entrevistas que não havia nenhuma divergência entre o PTB e o PSP¹⁰. Mas a bizarra coligação de antigos adversários armada por Getúlio na política nacional estava prestes a unir, em uma mesma ocasião, os adversários raivosos da política local.

Assim, a poucos dias do grande comício em Uberaba iniciou-se uma controvérsia entre os diretórios locais do PSP e do PTB para disputar quem capitalizaria a honra de ciceronear Getúlio Vargas. Boulanger Pucci saiu na frente. No dia 5 de setembro, mandou publicar na imprensa, com a timbre oficial da prefeitura, um informe esclarecendo que Getúlio e Adhemar seriam “hóspedes oficiais do Governo uberabense”¹¹. O

⁸ O partido trabalhista Brasileiro recomenda votar, para deputado federal, em Mário Palmério. **Correio Católico**. 9 set 1950. n. 1343. Ano 54. p. 3. [colunas 2-5]. [Publicidade política].

⁹ SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1934-1964). 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 102.

¹⁰ Otimista, o governador Adhemar de Barros. **O Triângulo**. n. 3192. Ano XXII. Uberaba. 2 set 1950. p.4. [coluna 4].

¹¹ Hóspedes do governo municipal o senador Getúlio Vargas e o governador Ademar de Barros. **O Triângulo**. Prefeitura municipal de Uberaba. n. 3194. Ano XXII. Uberaba. 5 set 1950. p.4. [coluna 1-3].

PTB local entrou em polvorosa. Entregar Vargas de bandeja ao adversário do PSP era inimaginável! E eis então que, em uma reunião de diretório, ficou estabelecido que Antônio Próspero deveria viajar ao Rio de Janeiro para combinar pessoalmente com o próprio Vargas os detalhes de sua estada em Uberaba. Simultaneamente, a executiva do PTB de Uberaba entrou em contato com o coordenador geral da campanha getulista, o Major Newton Santos, pedindo que ele divulgasse pela imprensa um comunicado oficial que desautorizasse Boulanger Pucci e arruinasse a manobra do PSP local. Assim, no dia 8 de setembro, o PTB uberabense, representado por Mário Palmério, publicou na imprensa local o seguinte comunicado:

Recepção ao dr. Getúlio Vargas

O sr. dr. Antonio Próspero, Secretário Geral da Comissão Executiva do Partido Trabalhista Brasileiro de Minas Gerais e Presidente do Diretório Local, recebeu do sr. Major Newton Santos, Coordenador Nacional da campanha do senador GETÚLIO VARGAS, o seguinte telegrama:

“Dr Antonio Próspero

Afim evitar explorações referência visita Senador Getúlio Vargas esse município queira presado (sic) companheiro com autoridade lhe compete providenciar hospedagem nosso chefe saudações trabalhistas Majos Newton Santos pt

O Diretório Local do Partido Trabalhista Brasileiro, na ausência do sr. dr. Antonio Próspero que seguiu hoje para o Rio de Janeiro afim de entender-se pessoalmente com o dr. Getúlio Vargas sobre detalhes de sua vinda a Uberaba, fará, com a necessária antecedência e usados todos os meios de divulgação possível, a comunicação oficial da data, horário e de outros detalhes relativos à recepção que os trabalhadores e o povo de Uberaba farão ao ilustre brasileiro¹².

No dia seguinte, na véspera do grande comício, em um novo comunicado na imprensa novamente assinado por Mário Palmério, o PTB local garantia que o diretório uberabense havia recebido da executiva nacional um comunicado oficial sobre a chegada de Vargas e a verdadeira programação oficial do senador na cidade, toda ela de acordo com o programa estabelecido pelo PTB local, desmentindo toda a animação dos informes oficiais da prefeitura. Com isso, o prefeito de Uberaba havia sido publicamente humilhado pelos petebistas. Para grande constrangimento de Boulanger Pucci, todos os contatos indicavam que o dia 10 de setembro seria marcado pelo triunfo dos trabalhistas, que tripudiarão em público sobre seu vexame. A não ser que na recepção a Getúlio Vargas acontecesse algum fato surpreendente que virasse o jogo a seu favor...

E na manhã de 10 de setembro, o fato novo foi disparado à queima-roupa, sujando de sangue e pólvora o paletó do prefeito municipal. E foi assim que, através de uma tragédia, Boulanger Pucci ressurgiu dramaticamente nas páginas de *O Triângulo*, para o espanto dos uberabenses:

Vítima de um atentado do prefeito Boulanger Pucci

Causou a mais viva repulsa a toda a população de Uberaba, o covarde atentado de que foi vítima, ontem, no Aeroporto Santos Dumont, o prefeito Boulanger Pucci, que ali, em companhia do governador Adhemar de Barros, de membros da comitiva do Chefe do Executivo estadual paulista e de destacadas figuras dos meios sociais e político-administrativos de Uberaba, aguardava a chegada do senador Getúlio Vargas.

Quando se dirigia ao portão “A”, de acesso à pista, o digno Chefe da Municipalidade, foi alvejado por um indivíduo, que mais tarde se averiguou ser o sr. Florêncio Alves Filho, cuja prisão se fez em flagrante.

Verificada a gravidade de seu estado de saúde, o sr. Dr. Boulanger Pucci foi imediatamente conduzido ao Hospital São Luiz, onde se

¹² Recepção ao dr. Getúlio Vargas. **O Triângulo**. Partido Trabalhista Brasileiro. Diretório Municipal de Uberaba Uberaba. 8 set. 1950. n. 3196. Ano XXII. p. 4. [colunas 5-6].

submeteu a delicadíssima intervenção cirúrgica (...)

Logo conhecida a dolorosa notícia, toda a população de Uberaba se tomou da mais viva e justa indignação, verberando acremente a conduta do elemento que dando mostras de irresponsabilidade e perversidade, escreveu a sangue uma das mais negras páginas da história de nossa terra, tentando contra a vida de um ilustre e digno filho de Uberaba (...) ¹³.

Como vemos, há alguns aspectos enigmáticos nessa reportagem. Mas seja lá o que se esconde sob esse caso, o fato é que os correligionários populistas aproveitaram-se rapidamente do crime para tentar ungir Boulanger Pucci com o signo de um novo mito político que emergiria das cinzas para atrair as simpatias do eleitorado: o *Mártir*; aquele que em nome de seus ideais é alvo de injusta violência, mas em seguida retorna ao povo para salvá-los dos inimigos da nação.

Um testemunho lavrado em cartório, assinado por Tancredo Pucci (irmão de Boulanger), publicado nessa mesma edição de *O Triângulo*, é talvez o documento mais espantoso para medir o nível da política uberabense na década de 1950. Sob a rubrica “A pedidos” e o título “O atentado contra a vida do prefeito de Uberaba¹⁴”, Tancredo Pucci, afirmou categoricamente a “determinação ou ordem de terceiros” no atentado. Em suas palavras, a cena se deu exatamente assim:

Separando-se do Governador Adhemar de Barros, ao dirigir-se, como Prefeito, para o portão do aeroporto, afim de atravessá-lo e, como o faz todas as vezes que recebe visitantes ilustres, ir cumprimentar o Senador Getúlio Vargas, cujo avião aterrisava, sem dizer palavra e sem qualquer razão, o criminoso encostou o cano da arma no ventre do sr. Boulanger Pucci e detonou-a. Caído, deu-lhe mais um tiro, não lhe dando um terceiro porque o sr. Galdino de Carvalho conseguiu segurar o braço assassino.

A vítima e testemunhas ouviram, claramente, o sr. Mário Palmério dizer: – “Atire, atire”
É ele, pois, o autor intelectual do atentado.

Na mesma edição, o editorial “Onde estamos afinal?¹⁵”, exprimia a perplexidade frente a “brutal e inominável ocorrência” no Aeroporto, afirmando que a “bárbara cena de sangue (...) pincelada com tão fortes cores de covardia” tingira de rubro a história de Uberaba. Sem mencionar o nome de Palmério, o editorial esbravejava: “Uberaba de hoje já não mais comporta a presença de elementos perturbadores da ordem, de figuras completamente faltas de senso de responsabilidade, de indivíduos que, tomados de condenável paixão partidária, semeiam a loucura, a insensatez, a [in]tranquilidade e o desassossego no seio de uma população pacata e ordeira como a nossa”.

Mas o fato é que, logo após o atentado, pouca coisa foi alterada na programação do grande dia. Assim que Vargas desembarcou, foi aclamado em uma “recepção carinhosa” e levado em um cortejo de automóveis para o palanque armado na praça Rui Barbosa. O próprio *O Triângulo*¹⁶, naquela mesma edição que noticiara o crime, registrou que o povo de Uberaba demonstrara um “magnífico espetáculo de civismo” no comício de

¹³ Vítima de um atentado o prefeito Boulanger Pucci, **O Triângulo**. Uberaba. 11 set. 1950. n. 3198. Ano XXII. p. 4. [colunas 2-4].

¹⁴ O atentado contra a vida do prefeito de Uberaba. **O Triângulo**. A pedidos. Uberaba. 11 set. 1950. n. 3198. Ano XXII. p. 4. [colunas 5-6].

¹⁵ Onde estamos, afinal? **O Triângulo**. Uberaba. 11 set. 1950. n. 3198. Ano XXII. p. 4. [colunas 5-6].

¹⁶ Uberaba recebeu carinhosamente ao senador Getúlio Vargas e governador Adhemar de Barros. **O Triângulo**. Uberaba. 11 set. 1950. n. 3198. Ano XXII. p. 4. [colunas 1-3].

Getúlio Vargas e Adhemar de Barros.

Nos dias seguintes, a repercussão do atentado ateve-se quase que exclusivamente ao estado de saúde do prefeito. Pucci continuou sumido dos jornais, e só apareceria em uma propaganda política na véspera das eleições, com uma seca locução: “Para deputado federal: Dr. Boulanger Pucci. O prefeito da instrução. Defensor perpétuo das aspirações da gente uberabense.¹⁷” A imprensa não voltou a tocar no assunto. Durante todo esse tempo, Palmério ficou calado sobre o caso. Somente no dia 19 de setembro voltaria ao assunto. Sob o título “Aos trabalhistas do Triângulo”¹⁸, o candidato louvou a “memorável campanha democrática” que, em um “movimento pró-emancipação política do trabalhador do Brasil”, estava prestes a levar Vargas de volta à presidência e a marcha trabalhista ao triunfo. Somente depois desses breves rodeios que Palmério se referiu diretamente às acusações:

Incidentes, por mais lamentáveis que sejam, não poderiam, evidentemente, arrefecer nosso entusiasmo. Nas campanhas de libertação política, devemos nos conduzir acima da maldade humana. Por isso mesmo, às acusações grosseiras, como a que foi recentemente divulgada em dois jornais locais a propósito das dolorosas ocorrências verificadas no aeroporto local, por ocasião da visita a Uberaba do Senador Getúlio Vargas, e publicadas sob a responsabilidade do irmão do prefeito de Uberaba, respondemos com o nosso absoluto silêncio. Essa, a única atitude compatível com uma alegação que peca pela insensatez e pelo absurdo e cujos objetivos toda a população de Uberaba imediatamente compreendeu.

O que podemos vos afirmar, companheiros do glorioso PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO, é que erraram o alvo. Não nos detivemos e nem nos deteremos em caminho para ouvir despropósitos e responder às invectivas dos que tentam inutilmente desviar nossa atenção e a dos nossos companheiros.

Mas se a imagem de mandante de atentado não colara em Mário Palmério, o fato é que uma outra frente procurou atacar sua plataforma política. Aquela antipatia do clero uberabense em relação ao candidato laico que se anunciava como o “pioneiro da instrução” seria explicitada na penúltima edição antes das eleições. Um evidente ataque ao programa de governo, ou melhor, ao *slogan* do petebista foi veiculado dois dias depois daquela mensagem de Palmério aos trabalhistas do Triângulo: “Saibamos escolher os nossos candidatos¹⁹”, era o título do artigo, escrito provavelmente por D. Sebastião Leme. O texto começava assim:

A 3 de outubro compareceremos às urnas para levarmos o nosso voto. A primeira vista parece simples e para muita gente chega a ser um ato banal, ou desabafo de paixões políticas. Tristemente estamos nos certificando de que ainda não temos fôro ou gente realmente civilizada. Alguma coisa porém se tem feito nestes últimos anos, no sentido de instruir o povo. A educação comporta na sua estrutura não só a instrução como muitos outros elementos. Consiste em se formar um indivíduo capaz de assumir na sociedade o papel que lhe é reservado. A instrução é apenas um instrumento, um meio para se atingir o fim da educação. Do descuido que se tem dado a esta distinção, resulta a incompreensão para os problemas do momento. A instrução sem a educação, não constrói bases sadias para as atitudes altruísticas.

Nessa discussão semântica sobre os termos “instrução” e “educação”, percebemos a alusão negativa a Palmério – que na página ao lado naquela mesma edição anunciava-se justamente como o “pioneiro da

¹⁷ Para deputado Federal: Dr. Boulanger Pucci. O Triângulo. Uberaba. 2 out 1950. n. 3216. Ano XXII. p. 2. [colunas 4-6].

¹⁸ Aos trabalhistas do Triângulo. O Triângulo. Uberaba. 21 set 1950. n. 3207. Ano XXII. p. 4. [colunas 5-6].

¹⁹ D.L. Saibamos escolher os nossos candidatos. Correio Católico. Para a mulher. Uberaba. 23 set 1950. n. 1345. Ano 54. p. 2. [colunas 1-2]

instrução”. Dessa forma, amparando-se na erudição clássica da formação sacerdotal, o udenista Dom Sebastião Leme procurava combater a imagem de intelectual que Mário Palmério reivindicava para legitimar sua campanha. “Do descuido que se tem dado a esta distinção, resulta a incompreensão para os problemas do momento”, registrara o texto, que anteriormente havia lamentado a falta de “gente realmente civilizada”, além de mencionar os termos “banal”, “desabafo de paixões polícias” e “tristemente”. Ou seja, o articulista cristão parecia querer desautorizar as medidas que Palmério prescrevia para o desenvolvimento regional. Com isso, podemos percebermos que, se a Igreja não chegava a ser hostil em relação à Palmério, tampouco mostrava-se simpática.

Outro campo de disputa ideológica pelos jornais se deu através da influência da UDN. Em dezembro de 1955, o deputado Mário Palmério já anunciava os preparativos para a criação de mais uma faculdade privada – em Uberaba. Ele já havia fundado a Faculdade de Odontologia em 1947, criara a Faculdade de Direito em 1951, participara da criação da FMTM em 1954, e agora se organizava para a instalação da faculdade de Engenharia, que de fato viria a ser autorizada em 1956. Assim, no dia 20 de dezembro de 1955 um melindrado *Correio de Uberlândia* não deixou de expressar, com ressentido sarcasmo, a sua ciumenta indignação:

“Uberaba, indiscutivelmente, é a cidade que possui o maior número de escolas superiores no Triângulo Mineiro, pelo fato de as outras cidades não possuírem nenhuma.

(...) Com certeza os uberlandenses estão lembrados de um moço simpático, bem falante, acessível que (há uns três ou quatro anos andou por aqui falando para todo mundo que mandaria para nós uma faculdade de medicina e com isto conseguindo um ótimo contingente de votos que o levou facilmente ao Palácio Tiradentes.

Pois este moço que nos prometeu faculdade de medicina em praça pública é o mesmo que a obteve para nossa vizinha e centenária Uberaba. Seu nome é Mário Palmério. Que ninguém esqueça dele.”²⁰

Como observou Oliveira²¹, o sentimento anti-Mário Palmério em Uberlândia parece ter ficado ainda mais áspero no decorrer dos anos. Em setembro de 1958, em pleno período de campanha eleitoral, quando o deputado-candidato passou por Uberlândia para realizar comícios, o *Correio de Uberlândia* publicou um editorial ainda mais furioso: “(De novo contra nós). Inimigo público nº 1 de Uberlândia tenta caçar votos na cidade.”²² O jovem professor que fora bem votado em Uberlândia na campanha de 1950 “justamente pelas promessas de conseguir escolas superiores para a cidade”, passou a ser visto, segundo Oliveira, como “inimigo dos uberlandenses”, na medida em, aos olhos do jornal, todos os benefícios eram encaminhados apenas para Uberaba:

“Não ficou só neste engano a ação antiuberlandense de Mário Palmério. Não se contentou ele em mentir e tirar daqui as escolas superiores. Foi mais além, o SAMDU já conseguido para Uberlândia, foi para Uberaba e lá se encontra instalado,

²⁰ Um alerta aos políticos: Faculdades de Engenharia para Uberaba? *Correio de Uberlândia*. 20 dez 1955. p. 1.

²¹ OLIVEIRA, Selmane Felipe de. A Rivalidade entre Uberlândia e Uberaba. *Cadernos de História Especial*, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. v. 4. n. 4. jan./dez. 1993. p. 89-97.

²² (De novo contra nós). Inimigo público nº 1 de Uberlândia tenta caçar votos na cidade. *Correio de Uberlândia*. 14 set. 1958. p. 8.

graças às suas maquinações no Rio de Janeiro.

Agora, depois de tudo isso, jornais uberlandenses vêm estampando noticiário de que Mário Palmério pretende estender a Uberlândia suas escolas superiores. Mas como? Se ele, o inimigo público nº.1 da cidade Jardim já prometeu isso uma vez e não cumpriu, se ele já nos tomou o SAMDU, melhoramento já autorizado para Uberlândia e o levou para Uberaba? Os uberlandenses têm boa memória. Não esquecerão facilmente os malefícios que Mário Palmério nos causou. (...) Inimigo público nº.1 da cidade terá a resposta que merece, pois nós não iremos mais na 'guitarra' das escolas superiores que ele, malandro velho, tentará nos impingir."

Evidentemente, é preciso observar uma questão não abordada por Oliveira. Em primeiro lugar, a cidade de Uberlândia era reduto eleitoral de dois pesos-pesados da política estadual na década de 1950: Rondon Pacheco (UDN) e Vasconcelos Costa (PSD). E quando Oliveira afirma que Palmério passara a ser visto como “inimigo dos uberlandenses”, parece ter deixado de considerar as especificidades da crítica documental. A utilização da imprensa como fonte histórica exige cuidados metodológicos distintos, capazes de problematizar a sempre aparente *neutralidade* e *impessoalidade* nos textos. Sob o mito da objetividade, jornalistas redigem artigos que dissimulam interesses bem definidos. “Sendo porta-voz de interesses muito objetivos de classes sociais ou frações de classes sociais, ela [a imprensa] procura formular para toda a sociedade uma determinada visão de mundo, tentando generalizar para o conjunto da nação, interesses específicos da classe que representa²³”. Na década de 1950 a imprensa do interior era constituída por empresas de capital limitado e forte posicionamento político. Assim, como percebemos através de indicação de Oliveira e Cardoso²⁴, o *Correio de Uberlândia*, em 1954, era um periódico udenista – apesar de uma ou outra desajeitada negativa do próprio jornal:

O CORREIO DE UBERLÂNDIA não é um jornal udenista, isto é, não pertence à UDN. Ele é propriedade de um grupo de pessoas desta cidade, na sua quase totalidade filiadas à UDN, mas não tem compromissos incondicionais com essa corrente política. Pertencentes a pessoas filiadas a esse partido, dirigido por pessoas de tendências udenistas, não está obrigado a fazer a política do partido e mantém, como sempre manteve, uma linha de conduta independente, criticando aquilo que reputa errado, mesmo quando parte desse partido, a que não deve obediência.²⁵

Oliveira e Cardoso observaram que a “neutralidade” ou a “imparcialidade” jamais nortearam as matérias publicadas pelos jornais locais. “Ao contrário, a seletividade da informação e seu cunho social transformavam as opiniões veiculadas em interpretações de consenso geral, anulando as divergências e as expressões de classe que elas significavam.” Portanto, era esperado que um jornal pertencente a pessoas “filiadas à UDN” e com “tendências udenistas” atacasse qualquer petebista. Assim, é discutível se a afirmativa que atribuía a Palmério o epíteto de “inimigo público n. 1” de Uberlândia correspondia a um sentimento universal. Ao contrário, o *Correio de Uberlândia* parecia participar ativamente nas lutas de

²³ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, et tal. Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo: PUC, n° 3, 1984, pág. 49

²⁴ OLIVEIRA, E. Dias de. CARDOSO, Heloísa H. P. Entre o Ouro e a Miséria: O desenvolvimentismo e suas representações. **Horizonte Científico**. n. 2. Ciências Humanas, Sociais, Letras e Artes. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

representação do jogo partidário regional.

Bibliografia

CADERNOS de História Especial, Uberlândia: UFU. v. 4. n. 4. jan./dez. 1993.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1985.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

PALMÉRIO, M. Carta aos triangulinos. **O Triângulo**. n. 3050. Ano XXI. Uberaba. 13 mar. 1950. p.4.

SKIDMORE, T. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1934-1964)**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

VIEIRA, M. do Pilar de A., et tal. Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo: PUC, n ° 3, 1984, pág. 49

OLIVEIRA, Eliene Dias de; CARDOSO, Heloísa Helena P. Entre o Ouro e a Miséria: O desenvolvimentismo e suas representações. **Horizonte Científico**. n. 2. Ciências Humanas, Sociais, Letras e Artes. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

²⁵ CORREIO de Uberlândia. 4 fev. 1954. p.1. Apud. OLIVEIRA, Eliene Dias de. CARDOSO, Heloísa Helena P. Op. Cit.